

A PESQUISA NA ÁREA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Johanna W. SMIT¹

RESUMO

Análise da pesquisa em Ciência da Informação a partir da produção de 5 programas de pós-graduação do país.

Palavras-chave: *Ciência da Informação; Pesquisa; Pós-graduação.*

ABSTRACT

Analysis of the research activities developed in 5 Brazilian Information Science education programs.

Key words: *Information Science; Research; Education Programs.*

A pesquisa em Ciência da Informação no Brasil será analisada a partir da produção dos programas de pós-graduação, considerando-se que estes são, de fato, responsáveis pela maior parte da pesquisa desenvolvida atualmente, no Brasil, na área. Considerarei, nesta análise, além dos cinco 5 programas formalmente constituídos em Ciência da Informação (PUCCAMP, UFMG, UFPb, UFRJ/IBICT e UnB), os dois programas de Comunicação que têm uma área de concentração ou linha de pesquisa em informação (UFRGS e USP).

A pesquisa em Ciência da Informação, tal como pôde ser analisada a partir dos relatórios CAPES referentes aos anos de 1998, 1999 e 2000, aponta claramente para um processo de constituição histórica da área. Esta constatação é corroborada por boa parte da bibliografia e pela origem dos programas que nasceram numa graduação em biblio-

teconomia ou, no caso do convênio UFRJ/IBICT, numa instituição voltada para a Informação Científica e Tecnológica e respectivos processos documentários.

Assim como muitos autores (mas não todos) consideram que a Ciência da Informação tem, na biblioteconomia, seu paradigma competente (Ingwersen), na pós-graduação trilhamos o mesmo caminho, ao que tudo indica. Em suma, a pesquisa de pós-graduação da área ancora-se, e tem suas raízes, na biblioteconomia/documentação. Não digo que este fenômeno se manifeste de forma homogênea e exclusiva, pois nota-se nos programas de pós-graduação preocupações tradicionalmente associadas à Ciência da Informação e que não remetem, no imaginário coletivo, à biblioteconomia, como é o caso da bibliometria ou da economia da informação.

1. Professora do Departamento de Biblioteconomia da ECA-USP. e-mail: cbdjoke@usp.br

Em todo caso, a pesquisa na pós-graduação apresenta uma grande preocupação com os procedimentos da área, voltados para uma **prática e uma realidade profissional**. Os nomes de algumas linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação ilustram a afirmação acima:

- administração de serviços de informação;
- processamento e tecnologia da informação;
- gestão da informação;
- planejamento, administração e avaliação de sistemas de informação;
- processamento e linguagem de indexação;
- análise documentária.

Em outros termos, deduzo desta lista o investimento em pesquisas que se propõem a elaborar soluções para problemas enfrentados na atividade profissional, num espectro que abarca da execução de procedimentos até a concepção, gestão e avaliação destes. Mas, enfatizo, a tônica se dirige para o mundo do trabalho, para a área enquanto atividade produtiva. No seio destas linhas de pesquisa freqüentemente são elencadas pesquisas que, de fato, redundam na elaboração de produtos (geração de bases de dados, em particular). Mas voltarei à questão logo mais.

Como já disse, há linhas de pesquisa com enunciados mais “teóricos”, e voltarei a falar nestas linhas, mas ainda queria refletir um pouco sobre o caráter aplicado das pesquisas propostas. Na CAPES somos conhecidos como uma área de Ciências Sociais Aplicadas. Isto significa que a Ciência da Informação é:

- uma ciência aplicada;
- uma ciência social.

Segundo Lalande (p.158), as ciências aplicadas reúnem “*estudos que têm por objeto aplicar leis a um fim prático (leis que pertencem, em geral, a diversas ordens de conhecimento teórico), por exemplo, a terapêutica, a eletricidade industrial, a economia rural*”.

Uma ciência aplicada seria então um ciência que aplica leis com um fim prático, sendo que a “Ciência Social” constitui uma ciência que estuda a sociedade e formas de intervenção ou melhoria desta. A Ciência da Informação seria, conseqüentemente, uma ciência que estuda, de forma aplicada, a circulação (ou intervenção) da informação na sociedade.

Se a área pesquisa soluções para problemas práticos, isto significa que fazemos ciência aplicada? Voltemos ao Lalande, quando o mesmo fala na “aplicação de leis com fins práticos”. Quantas leis aplicamos? Aliás, de quantas leis, baseadas em conhecimento teórico, dispomos na área? Utilizamos estas leis? Fazendo a pergunta em outros termos, mas enfocando a mesma preocupação: é possível fazer ciência sem leis? Sem recorrer a leis? Sem propor e avaliar novas leis ou modelos? Deixemos a pergunta em suspenso.

Enfoquemos agora as linhas de pesquisa e os projetos menos voltados para a aplicação prática. O que se pesquisa nestes casos? Correndo o risco de esquecer alguma temática, vejo três conjuntos de pesquisas, que podem ser resumidas como segue:

1. pesquisas voltadas para os **estoques informacionais**, preocupadas com **paradigmas de organização** destes estoques. Num segundo momento estas pesquisas podem se tornar aplicadas, mas estas não se enunciam com este objetivo;
2. pesquisas, em número muito discreto, voltadas para as **questões conceituais** da área, que têm na **constituição do objeto científico** seu foco;
3. pesquisas voltadas para a **circulação social** da informação, os **fluxos, os contextos, as recepções**. Vale, neste caso, a mesma observação feita anteriormente: estas pesquisas podem se tornar perfeitamente aplicadas, mas de início não se enunciam com este objetivo. A temática tangencia, ou invade, a outra face da mesma moeda – a comunicação. Em outros termos, pesquisam-se os processos de circulação e

apropriação de significados, analisados na ótica social, ou no contexto da sociedade ou de segmentos desta: comunicação e informação formam um par elegante, são muito próximas, complementares, mas não se confundem. Repetindo um aforismo nada original, não há comunicação sem informação, e a informação somente significa quando é comunicada, e apropriada pelos indivíduos.

Particularmente este terceiro grupo de pesquisas suscita questionamentos: qual o objeto da área? Quais são os princípios científicos que regem a área e a pesquisa nesta? Quais são as leis? Os métodos? Os modelos? Isto está claro para todos? Não, não está, a julgar pelos projetos de pesquisa em desenvolvimento nos programas de pós-graduação. Tentei, até agora, não tomar partido, somente descrever o que, a partir dos relatórios e das visitas CAPES, pôde ser observado. Eu resumiria todas as questões em duas, ou três, retomando afirmações já feitas, mas que agora devem ser discutidas, ou contextualizadas.

Boa parte das questões tem sua origem no nosso objeto de pesquisa – **a informação** – sua indefinição ou múltiplas definições. Se o objeto não está claro, a identidade da área também sofre de indefinições. O problema não é somente nosso: os colegas da área de comunicação, para mencionar uma área próxima, estão passando pelo mesmo processo e enfrentando muitas dificuldades na condução da discussão. Buckland, ao discutir a questão da informação, após constatar que a informação está presente em todas as ciências e tem um número muito grande de acepções, afirma que “se tudo é informação, então nada o é”. Em outras palavras, se trabalharmos com um conceito tão vago, tão indeterminado, fica difícil avaliar o produto de nossas pesquisas, seu valor, ou retorno social.

Como definir a **Ciência da Informação**? A ciência que estuda as propriedades da informação, os processos de transferência da informação, sua apropriação, seu papel na geração de conhecimento, etc.? Dependendo da definição dada ao objeto “informação”, estaremos descrevendo (ou pesquisando) processos comunicacionais, educacionais,

cognitivos, tecnológicos. Fica a sensação de girar em círculo, mas não ter clareza sobre o que constitui este círculo ou aonde se situa o centro, caso este exista. Em outras palavras, temos mais clareza sobre as ciências com as quais nos relacionamos do que sobre a identidade da nossa própria área. Muitos chamam a isto de interdisciplinaridade, mas esta solução não me parece suficientemente potente para chegar a um novo patamar de discussões. Como já afirmou Wersig, uma ciência que enfatiza reiteradamente seus paradigmas ainda está à procura de sua identidade.

Diante de tantas dúvidas e questionamentos, o recurso aos procedimentos clássicos da biblioteconomia parece até trazer um certo alívio, uma certeza, uma segurança. É irônico, nosso discurso é bastante elaborado ao afirmarmos que saímos do paradigma do acervo e que nosso objetivo é pensar a circulação social da informação e sua função social, mas temos dificuldade para definir nosso objeto.

Pode parecer, mas nada tenho contra pesquisas mais voltadas para as soluções práticas de problemas, gerados pela atividade profissional. Há até quem diga que esta é uma característica da pós-modernidade: uma ciência que propõe soluções e não uma ciência que se esmera na descrição dos problemas.

Sintetizando, conclui-se que uma boa parte das pesquisas em andamento na pós-graduação, hoje, no Brasil, persegue objetivos práticos, aplicados. No entanto, gostaria de ainda levantar rapidamente duas questões para reflexão, no intuito de relativizar a afirmação acima.

O que entendemos por pesquisa? O que entendemos por pesquisa aplicada? Aquela que relata, ou se contenta, com a experiência. Ou seja, fazemos pesquisa empírica² (98%, segundo Miranda e Barreto), o que é diferente de pesquisa aplicada, pois quais leis, conceitos, teorias utilizamos? Dito desta maneira dou a entender que toda a produção de pesquisa, porque excessivamente empírica, em nada contribui para o progresso da área. A conclusão não

2. Para memória, o empirismo, segundo Lalande, é “o nome genérico de todas as doutrinas filosóficas que negam a existência de axiomas enquanto princípios de conhecimento logicamente distintos da experiência”. (p. 300).

deve ser tão negativa mas, se contextualizada numa preocupação de construção do conhecimento, o quadro se revela efetivamente preocupante. São necessários investimentos teóricos na área, faltam-nos modelos, temos muito a fazer. Confundimos ainda, com certa frequência, a elaboração de produtos (bases de dados, em particular) com pesquisa.

A última consideração diz respeito ao investimento teórico na área: por que estes seriam necessários, como acima afirmado? Se quisermos consolidar um área do conhecimento, que seja como uma ciência aplicada, ainda será necessário aprender a fazer ciência. Além de resultados acadêmicos, ou teóricos, este investimento numa ciência enquanto área do conhecimento trará também benefícios para a graduação e o exercício profissional. A empregabilidade deverá ser doravante garantida ao profissional que domine conceitos, que consiga se mover no mapa conceitual de uma área do conhecimento, e não ao profissional que foi treinado na execução de determinados procedimentos ou porque

o nome de seu diploma o associa a um espaço no qual o mesmo pode ser exercer seu ofício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUCKLAND, M.K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 45, n. 5, pp. 351-360, 1991.
- INGWERSEN, P. **Conceptions of information science**. In: VAKKARI, P., CRONIN, B. *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives*. London: Taylor Graham, 1992. pp. 299-312.
- LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MIRANDA, A. e BARRETO, A. de A. Pesquisa em Ciência da Informação no Brasil: síntese e perspectiva. *DataGramZero – Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, 2000. (revista eletrônica)
- WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing & Management**, v. 29, n. 2, pp. 229-239, 1993.